

ARTIGO**EU E TU:
A RELAÇÃO CRIANÇA E NATUREZA**

Humberto Silvano Herrera Contreras

RESUMO

O estudo indaga a relação entre a criança e a natureza. Sintetiza a mensagem ecológica da Igreja Católica e apresenta reflexões pedagógicas preocupadas com a interação da criança com a natureza. No contexto dessa preocupação, aponta fatores-chave da relação “criança-natureza” e aponta as suas implicações no desenvolvimento da criança. Nessa intenção de apoiar as crianças na prática de virtudes ecológicas, apresentam-se recomendações e possibilidades de mediação e cooperação com a ecologia integral e com a garantia do direito à interação da criança com a natureza.

PALAVRAS-CHAVE: Criança. Natureza. Ecologia.**HUMBERTO SILVANO HERRERA CONTRERAS**

Filósofo e pedagogo. Mestre e doutorando em Educação. Atua como voluntário na Associação Brasileira de Amparo à Infância e no Centro de Educação Infantil Giacomino na Natureza, da Congregação das Irmãs Servas dos Pobres. Professor universitário na Faculdade Padre João Bagozzi. Membro do Núcleo de Estudos, Pesquisa e Extensão em Pedagogia, Pedagogia Social e Educação Social da UEPG. Assessor da área de Ensino Religioso e Pastoral Escolar da SM Educação.

CONTATO: htoherrera@gmail.com

INTRODUÇÃO

*A voz do Gênesis é também para elas!*¹

O título *Eu e Tu: a relação criança e natureza* está inspirado na profundidade da tese dialógica de Martin Buber.²

A intenção que nos anima é motivar as crianças para o cuidado, para que sejam “curadoras dos outros”, de seus irmãos e irmãs, pessoas, animais, plantas, enfim, de toda a família que mora na Casa Comum. Com base nessa intenção, indaga-se: Como motivá-las? Como apoiá-las na prática de virtudes ecológicas? Como ensinar-lhes a compreensão do saber que vivem em uma “Casa Comum”?

Na tentativa de refletir essas perguntas, apresentamos, no primeiro tópico, uma síntese daquilo que chamamos de “voz ecológica da Igreja”, que reúne os ensinamentos publicados pela Igreja sobre a relação do ser humano com a natureza, tendo como principal referência a Encíclica *Laudato Si’* (LS). No segundo, apresentam-se algumas reflexões e experiências pedagógicas que sistematizaram

práticas educativas do encontro da criança com a natureza. Finalmente, o terceiro tópico registra algumas possibilidades práticas e recursos de apoio na mediação desses encontros entre a criança e a natureza.

1. A VOZ ECOLÓGICA DA IGREJA

*“Observem as aves do céu,
que não semeiam, nem colhem,
nem ajuntam em celeiros [...].
Aprendam com os lírios do campo...”
(Mateus 6, 26a. 28b).*

A educação católica inspira-se no Bom Pastor que “cuida”. São Francisco e o Papa Francisco recordam o Evangelho: cuidar de tudo o que existe (FRANCISCO, 2015, n. 11). Somos responsáveis por motivar nas crianças um “estilo de vida”: “assumir o dever de cuidar da criação com pequenas ações diárias” (FRANCISCO, 2015, n. 11). Esse estilo de vida, quando interiorizado na mente, no coração e nas mãos, atua como referência de atitudes fraternas que tornam a ecologia integral uma realidade possível e concreta (leia-se, justiça socioambiental).

1 Esta frase está inscrita na linha pastoral do Cuidar, nas Linhas de Ação Pastoral da ANEC: “Passagens da Sagrada Escritura que revelam Deus não só como Criador de todos os seres, mas também como Quem está a cuidar com o máximo de carinho e preocupação de toda a criação” (CHESINI, C. (org). Linhas de Ação Pastoral da ANEC. Brasília, 2019. P. 17).

2 O filósofo judeu Martin Buber (1878-1965) destacou-se por suas ideias sobre o diálogo e a relação entre as pessoas, assunto que expõe no livro *Eu e Tu*, publicado em 1923. Nessa obra, ele escreveu: “Torno-me Eu a relação com o Tu”. Sua filosofia é considerada um patrimônio da humanidade, pois valoriza a importância das relações entre o ser humano, Deus e a história.

A escola faz parte da “aldeia” necessária para educar uma criança³. No entanto, também a criança constrói a aldeia que também a educa. A aldeia é corresponsabilidade, e faz parte do ensinar, aprender as habilidades de responder. A família também participa na “tarefa artesanal” de educar os filhos (FRANCISCO, 2016, n. 16 e 221) e precisa ser apoiada e complementada pela escola (FRANCISCO, 2016, n. 84). Escola e família, quando interligadas na sintonia da “aldeia”, fortalecem o Pacto Educativo por uma “educação ecológica”⁴. Esse Pacto integra a ideia do “sonho ecológico” (FRANCISCO, 2020, n. 58-60) de uma educação e hábitos ecológicos menos vorazes, mais serenos, mais respeitadores, menos ansiosos e mais fraternos.

Oportunizar às crianças a descoberta de que o “planeta é um dom de Deus”, que “Deus nos deu a terra como um dom e como tarefa, para cuidá-la e responder por ela” e que “nós não somos seus donos” (SÍNODO DOS BISPOS, 2019, n. 65). Para isso, “precisamos de uma conversão ecológica para responder adequadamente” (SÍNODO DOS BISPOS, 2019, n. 65) e essa conversão que a sociedade, a escola e a família precisam viver, passa necessariamente, e no caso da escola, principalmente, em que os educadores sejam “capazes de reordenar os itinerários pedagógicos

duma ética ecológica” (FRANCISCO, 2015, n. 210) que apoiem as crianças na maturação de virtudes ecológicas.

O capítulo VI, Educação e espiritualidade ecológicas, da Encíclica *Laudato Si'* afirma que “precisamos mudar” três aspectos basilares na nossa consciência: 1. A falta duma origem comum; 2. A falta duma recíproca pertença; e 3. A falta dum futuro partilhado por todos (FRANCISCO, 2015, n. 202). Que a criança aprenda que todos somos irmãos e irmãs, que vivemos na mesma Casa e que precisamos cuidá-la para sermos felizes. Esse ensinamento, desde a primeira infância, é uma semente de cidadania ecológica (FRANCISCO, 2015, n. 211). A seguir, alguns ensinamentos que podem ser registrados a partir da encíclica:

- Reconhecer e mostrar às crianças as feridas que temos causado no planeta (SÍNODO DOS BISPOS, 2019, n. 65), como um rio poluído, a falta de áreas verdes nas cidades, a extinção de animais. Incentivá-las a serem guardiãs da Casa Comum!
- Partilhar o desejo de querer aprender com nossos irmãos e irmãs dos povos originários, oportunizando o diálogo de saberes e motivando-os a seguirem os seus bons exemplos. As crianças

3 Cf. CNBB; ANEC; CRB. A Igreja no Brasil, com o Papa Francisco, no Pacto Educativo Global. Orientações gerais. 2020. P. 11.

4 Idem. P. 21.

podem reconhecer e admirar esses saberes que são patrimônio de todos (SÍNODO DOS BISPOS, 2019, n. 65), como a filosofia do buen vivir dos povos da Amazônia (FRANCISCO, 2015, n. 183; SÍNODO DOS BISPOS, 2019, n. 73) e da América Latina.

- Mostrar que podemos ser felizes sem necessariamente consumirmos mais do que precisamos (FRANCISCO, 2015, n. 203 e 206). Que não precisamos somente comprar nossos brinquedos, que também podemos produzi-los a partir de inúmeros materiais reaproveitáveis.⁵ A criatividade é um dom de Deus que está à nossa disposição!
- Motivar as crianças para assumirem o dever de cuidar da criação com pequenas ações diárias: evitar o uso de papel e utilizar o verso de papéis, papelões usados e/ou na própria terra, reduzir o consumo de água, diferenciar o lixo, evitar desperdícios de alimentos, tratar com desvelo os outros seres vivos (não maltratando ou matando pequenos insetos e/ou arrancando flores sem necessidade, por exemplo), motivar aos pais a usar os transportes públicos ou partilhar o mesmo veículo com várias pessoas quando possível, plantar árvores, apagar as luzes desnecessárias (FRANCISCO, 2015, n. 211).
- Ajudá-las a perceber a alegria que sentimos quando partilhamos e quando partilham conosco. Convidá-las para experiências de estudar juntas, brincar juntas, comer juntas, rezar juntas... (FRANCISCO, 2015, n. 204 e 208). E, para agradecerem antes e depois das refeições, o alimento partilhado, as mãos que os prepararam e reforçarem o nosso compromisso com os mais necessitados (FRANCISCO, 2015, n. 207).
- Oportunizar que elas se sintam livres, que sintam a “verdadeira liberdade” (FRANCISCO, 2015, n. 205) que Deus lhes deu como um presente para elas cuidarem e serem felizes. Essa liberdade é um direito das crianças e não pode ser negado a nenhuma delas, e nem limitado por interesses econômicos que desejam impor um modelo de produção da infância. Toda criança tem direito à natureza.

A abertura ao bem comum é uma experiência de aprendizagem permanente, que se cultiva no dia a dia por meio de ações, exemplos e testemunhos, que quando tornados hábitos, configuram-se como virtudes para uma cidadania ecológica. A educação ambiental, na perspectiva da ecologia integral, deveria ajudar a “recuperar os distintos níveis de equilíbrio ecológico: o interior consigo mesmo, o solidário com os ou-

5 “Voltar – com base em motivações profundas – a utilizar algo em vez de o desperdiçar rapidamente pode ser um ato de amor que exprime a nossa dignidade” (LS, n. 211).

tros, o natural com todos os seres vivos, o espiritual com Deus” (FRANCISCO, 2015, n. 210).

Atitudes de cuidado generoso, de ternura e gratuidade revelam que essa “conversão ecológica” é possível, e que as crianças podem ser bons exemplos para nós. Com certeza, a atitude de Jesus que nos convidava a olhar os lírios do campo ou as aves do céu, foi ensinada por seus pais, José e Maria.

2. PEDAGOGIAS DO ENCONTRO: CRIANÇAS NA NATUREZA

*– É que as crianças passaram
por aqui com os pássaros...
A natureza lhes pertence
e elas aproveitam...
Se as vissem subir nas árvores e se
enfiar entre os galhos;
se as ouvissem chilrear e rir!
Certamente jamais viram uma
animação dessas em suas classes!*

Célestin Freinet

As pedagogias registram intencionalidades que deveriam conduzir a encontros alegres e saudáveis. Se recordamos a passagem de Emaús,⁶ compreenderemos o significado dessa premissa.

Neste capítulo, queremos mostrar um mapa de algumas “pedagogias” que tem mostrado uma preocupação com esses “encontros” entre a criança e a natureza. Não há pretensão de apresentar uma historiografia de cada uma dessas chamadas pedagogias, e sim mapeá-las como possibilidades de compreensão e motivação para a realização de atividades que promovam e garantam esse encontro entre a criança e a natureza.

Citamos, na epígrafe deste capítulo, parte do legado de Célestin Freinet. O autor deixou registrado um movimento de novidades pedagógicas que sugeria o “sair da sala de aula em busca da vida existente no entorno mais próximo”⁷, valorizando a vida no campo e as práticas artesanais presentes nesse meio. Essa prática de sair observar o ambiente natural e humano foi conhecida como a aula-passeio ou aula das descobertas, e que será ponto de partida de uma série de técnicas pedagógicas que Freinet propôs. Cabe ressaltar que a aula-passeio até hoje influencia experiências na área de educação ambiental.

Em contextos e perspectivas diferentes, Jean-Ovide Decroly Decroly (*apud* DUBREUCQ, 2010) também sugeriu que a primeira educação considerasse a

6 Cf. Evangelho de Lucas 24, 13-35.

7 LEGRAND, L. Célestin Freinet. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010. P. 15.

natureza, já que essa desperta a curiosidade da criança e deflagra o seu sentido de pertencimento a ela e ao conjunto dos seres vivos. Alertou para as crianças não ficarem fechadas e que era preciso que a educação evitasse o enclausuramento.⁸ O meio natural é um ambiente vivo, simples e sincero. A observação da natureza, dos animais, dos minerais e das plantas são uma fonte inesgotável para o desenvolvimento da criança, inclusive da sua personalidade. Decroly (*apud* DUBREUCQ, 2010, p. 126) afirmava na sua pedagogia natural que “os interesses nativos das crianças de todos os países estão fora da escola”.⁹

Assim, como Freinet e Decroly, outros pensadores da tradição pedagógica também refletiram sobre essa relação da criança com a natureza, os quais deixaram registros importantes sobre a necessidade desse encontro na formação e no desenvolvimento da criança.

Além dessa tradição pedagógica escolar (se é assim que podemos chamá-la), outras pedagogias têm sido sistematizadas como frutos de experiências de educação popular e comunitária que consideramos oportuno apresentar.

Uma das pedagogias com as quais podemos aprender muito é com a pedagogia dos “Sem Terrinha”. Ao analisar a pedagogia produzida pelo Movimento Sem Terra (MST) na dinâmica social do campo, Caldart identificou cinco matrizes pedagógicas. A terceira matriz é “a pedagogia da terra” que constitui a relação com a terra, com o trabalho e com a produção, como processos educativos constitutivos da identidade sociocultural do movimento. O estudo de Caldart¹⁰ define o movimento social como sujeito educador, o que nos possibilita de forma análoga no interesse deste estudo, definir a Natureza, também, como um sujeito que educa.

8 “Eu percebi, pouco a pouco, que a sala de aula é o pior que pode acontecer, que o meio natural, constituído por uma fazenda, campos, pradarias, animais a serem cuidados, plantas a recolher, representavam o verdadeiro material intuitivo capaz de acordar e de estimular as forças escondidas na criança”. Trecho publicado por Francine Dubreucq (2010) da obra de DECROLY, O.; BOON, G. *Vers l'école rénovée: une première étape*. Bruxelles: Office de publicité; Paris: Lebègue- Nathan, 1921. (Dubreucq, Francine. Jean-Ovide Decroly. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010, p. 31).

9 Decroly, J.-O. *Problemas de psicología y de pedagogía*. Madri: Francisco Beltrán, 1929. In: Dubreucq, Francine. Jean-Ovide Decroly. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010, p. 126.

10 CALDART, R. *Pedagogia do Movimento Sem Terra: escola é mais do que escola*. Petrópolis: Editora Vozes, 2000.

Outra referência é a chamada “ecopedagogia”,¹¹ sistematizada por Francisco Gutiérrez e Cruz Prado.¹² A ecopedagogia integra a educação ambiental como um pressuposto básico e configura-se como um movimento preocupado com a “relação saudável com o meio ambiente, mas com o *sentido* mais profundo do que fazemos com a nossa existência, a partir da vida cotidiana”¹³. Os autores ao aprofundarem a dimensão da vida cotidiana no sentido espiritual, atualizam a concepção ecopedagógica para uma pedagogia da vida, que chamaram de “biopedagogia” (PRADO, 2006). Nessa perspectiva, cabe citar a cosmovisão ecológica que Leonardo Boff¹⁴ sintetiza

como “saber cuidar”, que integra a categoria de sustentabilidade e propõe um paradigma civilizatório de convivência humana com a Terra, de cidadania planetária.¹⁵ Pode-se afirmar que parte da síntese dessa concepção pedagógica está inscrita na atual concepção de ecologia integral, divulgada na encíclica *Laudato Si’*.

Cabe mencionar a contribuição de Fritjof Capra que utiliza a expressão “teia da vida” para indagar sobre as interrelações entre os seres vivos no ambiente natural (CAPRA *et al.* 2006). O autor explicita que a “crise ecológica é, em todos os sentidos, uma crise de educação”,¹⁶ e que

11 Moacir Gadotti (2001) prefere chamá-la de “Pedagogia da Terra”. Um aspecto que o autor reflete sobre este conceito e que se torna atual está expresso nesta citação: “Paulo Freire, que faleceu em 1997, foi o autor de um grande livro: Pedagogia do Oprimido. Consideramos hoje a Terra também como oprimido, por isso precisamos também de uma pedagogia desse oprimido que é a Terra. Precisamos de uma Pedagogia da Terra como um grande capítulo da pedagogia do oprimido. Uma pedagogia que tem como suporte o Paradigma Terra que considera esse planeta como uma única comunidade, uma e diversa”. P. 2.

12 Cf. GUTIÉRREZ, F.; PRADO, C. Ecopedagogia e cidadania planetária. São Paulo: Cortez/Instituto Paulo Freire, 1999.

13 GADOTTI, M. Ecopedagogia, Pedagogia da terra, Pedagogia da Sustentabilidade, Educação Ambiental e Educação para a Cidadania Planetária. São Paulo: Instituto Paulo Freire. P. 2.

14 Cf. BOFF, L. Saber cuidar: ética do humano, compaixão pela terra. Petrópolis, Vozes, 1999.

15 Interessante metáfora o autor utiliza quando fala em seu livro *Do iceberg à arca de Noé: o nascimento de uma ética planetária* que: “A globalização traz consigo uma consciência planetária. Temos apenas esse planeta para morar. Importa cuidar dele como cuidamos de nossas casas e de nossos corpos. [...]. Dessa vez não haverá uma arca de Noé que salve alguns e deixe perecer os demais. Ou nos salvamos todos, biosfera e humanos, ou perecemos todos” (BOFF, 2010, p. 126).

16 CAPRA, F. *et al.* Alfabetização ecológica: a educação das crianças para um mundo sustentável. São Paulo: Cultrix, 2006. P. 11.

“toda educação é educação ambiental [...] com a qual por inclusão ou exclusão ensinamos aos jovens que somos parte integral ou separada do mundo natural (CAPRA *et al.*, 2006, p. 11)”¹⁷. A obra *Alfabetização ecológica: a educação das crianças para um mundo sustentável* (CAPRA *et al.*, 2006) descreve vários projetos de formação ecológica sobre os valores da *slow food*, da *slow school*, dos saberes das pedagogias indígenas e de experiências de educação ambiental e artísticas que ajudem as crianças a se apaixonar pelo planeta Terra e a transformarem as práticas na própria escola, em práticas mais saudáveis.

Enrique Leff (2002, p. 36) aproxima o saber ambiental às práticas agroecológicas e reconhece que “os saberes agroecológicos são uma constelação de conhecimentos, técnicas, saberes e práticas dispersas que respondem às condições ecológicas, econômicas, técnicas e culturais de cada geografia e de cada população”¹⁸. De acordo com o autor, os saberes agroecológicos são produzidos na interface entre as cosmovisões, teorias e práticas orientadas ao bem co-

mun e ao equilíbrio ecológico do planeta. As pedagogias agroecológicas recomendam que se priorizem os entornos naturais como cenários educativos e pela *naturalização dos entornos escolares*, incluindo nas suas instalações elementos não artificiais que favoreçam a interação das crianças com o meio natural.¹⁹ A agroecologia escolar sugere práticas como jogo livre e experimentação nos diferentes ecossistemas naturais; contação de histórias da natureza, semear cereais, hortaliças e ervas medicinais e temperos, cuidar da horta, classes de horticultura e floricultura, práticas agrícolas e de arborização, de alimentação saudável, entre outras. É importante compreender os valores que pautam as práticas agroecológicas, como “compartilhar” o semear, o cuidar e colher; “associar” a criatividade com a natureza, “envolver-se” no mundo orgânico²⁰ e “preservar” os saberes dos povos tradicionais, indígenas e quilombolas (BARBA MERINO; DURAN TAPIA, 2019).

Essas pedagogias se multiplicam em diferentes contextos, movimentos sociais, associações comunitárias, cooperativas, escolas e instituições não gover-

17 Idem.

18 LEFF, E. Agroecologia e saber ambiental. *Agroecol.e Desenv. Rur. Sustent.*, Porto Alegre, v.3, n.1, jan./mar.2002. P. 36.

19 MARTÍNEZ-MADRID, B.; EUGENIO, M. Acercamiento a la agroecología en la infancia: propuestas educativas y reflexiones. *Agroecología* 11 (1): 7-18, 2016.

20 MERINO, E.; TAPIA, M. Proyectos agroecológicos escolares en Educación Inicial: estudio de caso comparativo entre dos centros de Educación Inicial. Ecuador: Universidad Nacional de Educación, 2019.

namentais. A nível de América Latina e Brasil encontros de agroecologia se realizam anualmente e se regionalizam constituindo redes que se multiplicam afirmando os valores da agroecologia como um modo de vida sustentável.

Pesquisadores atuais, como Léa Tiriba (2018),²¹ destacam a importância da exposição da criança à natureza, e de como essa influência é positiva no desenvolvimento cognitivo, emocional e físico, sobretudo na primeira infância, quando o efeito do meio ambiente é mais prevalente sobre a plasticidade infantil. O distanciamento entre as crianças e os ambientes naturais limita a interatividade com a natureza, afetando-as no seu desenvolvimento psicossocial²². Segundo eles, a falta de proximidade “pode contribuir para a formação de gerações pouco comprometidas com os problemas ambientais, pois existe uma relação estreita entre sentir-se parte do mundo natural e protegê-lo (TIRIBA; PROFICE, 2014, p. 64-65)”.²³ E,

ainda, destacam que “a perda de contato e alienação em relação aos ambientes naturais gerariam uma espécie de extinção da experiência, ou seja, um ciclo de desconexão e progressiva desfiliação [...], uma desconexão em relação à natureza²⁴ (TIRIBA; PROFICE, 2014, p. 64-65) ”.

Assim, como síntese do capítulo, somos chamados a reinventar o “jardim do currículo” (DE MOORE, 2000), para que os alunos possam trabalhar e aprender com a Terra o significado ecológico integral do cuidar.

3. POSSIBILIDADES PRÁTICAS PARA O EU E TU DA CRIANÇA COM A NATUREZA

O contato da criança com a natureza é um elemento relacional constitutivo da concepção de criança. As crianças vivem e demonstram curiosidade sobre o mundo físico e a escola precisa promover experiências nas quais as crianças possam observar, manipular, investigar e explorar o

21 MERINO, E.; TAPIA, M. Proyectos agroecológicos escolares en Educación Inicial: estudio de caso comparativo entre dos centros de Educación Inicial. Ecuador: Universidad Nacional de Educación, 2019.

22 O jornalista e fundador do Movimento Criança e Natureza Richard Louv publicou o livro A última criança na natureza: resgatando as nossas crianças do transtorno de déficit da natureza (2016) no qual analisa as implicações tanto da presença quanto do distanciamento da natureza na vida das crianças.

23 TIRIBA, L.; PROFICE, C. O direito humano à interação com a natureza. In: SILVA, A.; TIRIBA, L. (orgs.). Direito ao ambiente como direito à vida: desafios para a Educação em Direitos Humanos. São Paulo: Cortez, 2014. P. 64-65.

24 Idem.

seu entorno. Incentivar esse encantamento é uma responsabilidade da escola.²⁵

Na Base Nacional Comum Curricular (BNCC),²⁶ na etapa da Educação Infantil, sugerem-se alguns exemplos de objetivos de aprendizagem e desenvolvimento (BRASIL, 2018):

- Observar e vivenciar situações de contato com fenômenos da natureza, exemplo: chuva, vento, correnteza etc.
- Apreciar e manifestar curiosidade frente aos elementos da natureza, se entretendo com eles.
- Participar de situações misturando areia e água, diversas cores de tinta e explorando elementos da natureza como: terra, lama, plantas etc.
- Identificar sons da natureza.
- Conhecer fenômenos e mistérios da natureza.
- Perceber os sons da natureza e reproduzi-los: canto dos pássaros, barulho de ventania, som da chuva em brinca-

deiras, encenações e apresentações.

- Utilizar, com ou sem a ajuda do professor, diferentes fontes para encontrar informações frente a hipóteses formuladas ou problemas a resolver relativos à natureza, seus fenômenos e sua conservação, como livros, revistas, pessoas da comunidade, fotografia, filmes ou documentários etc.
- Reconhecer as cores presentes na natureza e no dia a dia nomeando-as, com o objetivo de fazer a correspondência entre cores e elementos.
- Experimentar as diversas possibilidades do processo de produção das cores secundárias e reconhece-as na natureza, no dia a dia e em obras de arte.
- Investigar e registrar as observações a seu modo, sobre os fenômenos e mistérios da natureza.

Além das possibilidades curriculares existe um repertório de recursos que podem nos apoiar na mediação desses encontros entre a criança e a natureza. A seguir especificamos alguns exemplos:

25 Sugere-se a leitura do livro *Desemparedamento da infância: a escola como lugar de encontro com a natureza* (2018), organizado por Maria Isabel Amando de Barros. O livro está disponível no site HYPERLINK "https://criancaenatureza.org.br/wp-content/uploads/2018/08/Desemparedamento_infancia.pdf" <https://criancaenatureza.org.br>

26 Cf. <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>

Sites

- Instituto Alana - <https://alana.org.br/>
 - Programa Criança e Natureza - <https://criancaenatureza.org.br/>
 - Tierra en las manos - <http://www.tierraenlasmanos.com/>
 - Centro de Desenvolvimento Agroecológico Sabiá - <http://www.centrosabia.org.br/>
-

Animações

- Floresta que refresca – Centro Sabiá
 - Comida que alimenta – Centro Sabiá
 - Agroecologia é Vida! – Centro Sabiá
 - Um plano para salvar o planeta – Turma da Mônica
 - Abuela Grillo - The Animation Workshop, Nicobis, Escorzo, e a Comunidad de Animadores Bolivianos
-

Filmes infantis

- Tainá
 - Rio
 - Sem Floresta
 - Pachamama
-

Desenhos animados

- O Show da Luna
 - George, O Curioso
 - Guardiões da Biosfera
-

Poemas

- ABC da flor, de Cleonice Rainho
 - Estilos, de Eloí Elizabet Bocheco
 - O sol, de João de Deus Souto Filho
-

Músicas

- Sol, Lua, Estrela – Palavra Cantada
 - Ñande Reko Arandu: Memória viva Guarani
 - Série Radiofônica Laudato Sí' - REPAM
 - CD Filhos da Mãe Terra. Cantando, brincando e convivendo com a Mãe Terra! - ABAI
-

Além desses recursos, existem práticas que são produzidas e sistematizadas a partir da experiência original de educadores, comunidades e instituições que assumem e divulgam pedagogias comprometidas com a relação da criança com a natureza.

Por exemplo o livro *Brinquedos do chão: a natureza, o imaginário e o brincar*,²⁷ de Gandhi Piorski (2016), no qual o autor registra a experiência criativa de brinquedos com materiais de diferentes re-

giões e origens. Também, os educadores da Associação Brasileira de Amparo à Infância (ABAI), no município de Mandirituba/PR, criaram o jogo de tabuleiro *O Guardião da Semente Nativa*,²⁸ que sintetiza um percurso de saberes agroecológicos para as crianças se apropriarem e compreenderem as dimensões que integram a agroecologia. Outra experiência significativa da ABAI é chamada de “bolinhas de semente”, conforme mostra a imagem:

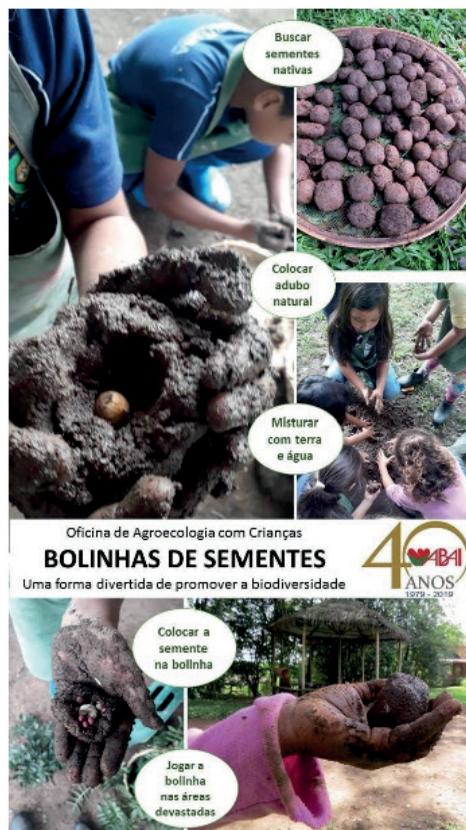


Figura 1: Oficina de agroecologia com crianças.

Fonte: Associação Brasileira de Amparo à Infância – ABAI, 2019.

27 PIORSKI, G. *Brinquedos do chão: a natureza, o imaginário e o brincar*. São Paulo: Peirópolis, 2016.

28 O tabuleiro do jogo, as cartas do jogo e as instruções podem ser solicitados à equipe da Associação Brasileira de Amparo à Infância – ABAI.

Assim, como essa experiência, há muitas outras sendo realizadas e que muitas vezes não são registradas e nem publicadas em livros, sites e mídias sociais. A nossa aproximação e o registro desses exemplos é um exercício de formação continuada e de cooperação no compromisso pela ecologia integral e pelo direito da interação das crianças com a natureza.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo sintetizou oportunidades que podem ser propostas para a criança descobrir que o planeta é um dom de Deus que precisa ser cuidado. Para isso, recomenda aos educadores avaliar propostas pedagógicas que apoiem as crianças na maturação de virtudes ecológicas.

Nessa intenção, reconhecemos o direito da criança à interação com a natureza, como elemento relacional constitutivo para o seu desenvolvimento. A abertura à natureza e ao brincar livre são experiências significativas para a sua saúde e cidadania ecológica.

A recomendação de priorizar os entornos naturais como cenários educativos e os valores cooperativos da agroecologia escolar como integradores na mediação das crianças com os seus colegas e com os seres vivos constituem uma proposta de tradução concreta da *Laudato Si'* para a educação e espiritualidade ecológicas da criança.

REFERÊNCIAS

BARBA MERINO, E.; DURAN TAPIA, M. **Projectos agroecológicos escolares en Educación Inicial**: estudio de caso comparativo entre dos centros de Educación Inicial. Ecuador: Universidad Nacional de Educación, 2019.

BOFF, L. **Saber cuidar**: ética do humano, compaixão pela terra. Petrópolis: Vozes, 1999.

BOFF, L. **Do iceberg à Arca de Noé**: o nascimento de uma ética planetária. 2. ed. Rio de Janeiro: Mar de Ideias, 2010.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em: 14 mar. 2020.

CALDART, R. **Pedagogia do Movimento Sem Terra**: escola é mais do que escola. Petrópolis: Vozes, 2000.

CAPRA, F. *et al.* **Alfabetização ecológica**: a educação das crianças para um mundo sustentável. São Paulo: Cultrix, 2006.

CHESINI, C.; GILZ, C. (org.). **Linhas de Ação Pastoral da ANEC**. Brasília: ANEC, 2019.

CNBB; ANEC; CRB. **A Igreja no Brasil, com o Papa Francisco, no Pacto Educativo Global**. Orientações gerais. Brasília: CNBB, ANEC, CRB, 2020.

DE MOORE, E. O Jardim como currículo: : valores educacionais para a sustentabilidade. **Revista Pátio**, Porto Alegre, n. 13, p. 11-15, maio/jul. 2000.

DUBREUCQ, F. **Jean-Ovide Decroly**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010.

FRANCISCO, P. **Laudato Si'** – Carta Encíclica Sobre o Cuidado da Casa Comum. Brasília: Edições CNBB, 2015. (Documentos Pontifícios, 22).

FRANCISCO, P. **Amoris Laetitia** – Exortação Apostólica Pós-sinodal sobre o Amor na Família. Brasília: Edições CNBB, 2016. (Documentos Pontifícios, 24).

FRANCISCO, P. **Querida Amazônia** – Exortação Apostólica Pós-sinodal ao povo de Deus e a todas as pessoas de boa vontade. Brasília: Edições CNBB, 2020. (Documentos Pontifícios, 43).

GADOTTI, M. **Ecopedagogia, Pedagogia da terra, Pedagogia da Sustentabilidade, Educação Ambiental e Educação para a Cidadania Planetária**. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2009.

GUTIÉRREZ, F.; PRADO, C. **Ecopedagogia e cidadania planetária**. São Paulo: Cortez/ Instituto Paulo Freire, 1999.

LEFF, E. Agroecologia e saber ambiental. **Agroecol.e Desenv. Rur. Sustent.**, Porto Alegre, v. 3, n. 1, p. 36-51, jan./mar.2002.

LEGRAND, L. **Célestin Freinet**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010.

MARTÍNEZ-MADRID, B.; EUGENIO, M. Acercamiento a la agroecología en la infancia: propuestas educativas y reflexiones. **Agroecología**, v. 11, n. 1, p. 7-18, 2016.

PIORSKI, G. **Brinquedos do chão**: a natureza, o imaginário e o brincar. São Paulo: Peirópolis, 2016.

PRADO, C. Biopedagogia. In: Guadas, P. *et al.* (org.). **Fórum Paulo Freire** – V Encontro Internacional: Sendas de Freire: opresiones, resistências y emancipaciones en um nuevo paradigma de vida. Xátiva: Institut Paulo Freire de España y Crec, 2006. p. 169-211.

SÍNODO DOS BISPOS. **Amazônia**: novos caminhos para a Igreja e para uma ecologia integral - Documento Final da Assembleia Especial do Sínodo dos Bispos para a Região Pan-Amazônica. Brasília: Edições CNBB, 2019. (Documentos da Igreja, 58).

TIRIBA, L. **Educação Infantil como direito e alegria**. 1. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2018.